

## A CÁRITAS

### 7 – Uma Sociedade em Mudança

**P.** *Boa tarde. Elicídio Bilé, Presidente da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco, está mais uma vez connosco para um novo programa que, na sequência dos anteriores, abordará o problema das mudanças operadas na sociedade contemporânea, as quais influenciam a vida do homem e das comunidades onde vivem. Começo por lhe perguntar:*

*- Os tempos que vivemos são realmente de mudança?*

**R.** Boa tarde. Tentaremos dar algumas respostas a essa questão olhando sobretudo para algumas causas e para as consequências provocadas pelas mudanças que realmente se estão a operar na nossa sociedade.

É fácil constatar que a nossa vida social está em permanente mutação. Tudo evolui em cada dia que passa. O conhecimento, a ciência, a comunicação evoluem tão rapidamente que, no momento seguinte, já parecem ultrapassadas. A globalização faz correr o homem na procura de mais conhecimento, mais saber, e de novas técnicas. O ritmo é de tal forma rápido que corremos o risco de deixar de fora muitas pessoas. Como consequência começam a surgir novas formas de iliteracia. Por tudo isto pensei que seria importante determo-nos sobre alguns dos problemas que o homem enfrenta na sua convivência social, a partir de um olhar sobre as mutações que se operam na sociedade.

Não é novidade para ninguém que o Homem é um “ser social”, e sabemos que ninguém se realiza humana, social e profissionalmente de forma isolada.

Ora, é da interacção dos homens com os seus semelhantes que todas as sociedades procuram manter-se indefinidamente, não só a si próprias, mas também às suas raízes culturais.

Mas, num olhar atento sobre a nossa história presente, parece que as coisas não são bem assim!

A vida colectiva, isto é, a relação entre os homens, está a atravessar uma fase de degradação tendo em conta os parâmetros a que estávamos habituados. Prevalece o egoísmo e o individualismo e, os interesses individuais, sobrepõem-se aos interesses da comunidade, como já aqui dissemos por diversas vezes.

Individualmente, o homem na sua tríplice dimensão (cultural, ecológica e social) também parece descaracterizar-se:

- Como criatura, pretende substituir-se ao criador. Aí temos o aborto legalizado; as tentativas, algumas conseguidas, da introdução da eutanásia; as experiências em matéria de clonagem humana, a destruição da família; a subversão dos valores... no fundo, o homem quer substituir-se a Deus – prescinde de Deus.
- No plano ecológico, submete a natureza e o ambiente a critérios puramente economicistas.
- No plano social, a luta desenfreada pelo poder, pelo prestígio e também pelo dinheiro, substitui o interesse do bem comum por interesses individuais ou corporativos.

**P. *Nesse contexto parece-me lícito perguntar-lhe: - Estará o homem condenado?***

**R.** A resposta a essa pergunta é a razão de ser desta nossa conversa de hoje. É claro que não está condenado, mas ninguém ignora que há imensos

problemas na sociedade portuguesa e que são diversas as causas desses problemas...

**P.** *Mas então se conhecemos os problemas porque razão, muitas pessoas, vivem angustiadas? Porquê tantos perdem a esperança?*

**R.** Para lhe responder, detenho-me sobre uma dessas causas:

Sabemos o poder que a comunicação social exerce sobre as populações em geral, e sobre as famílias em particular, e constatamos que à hora do jantar, as televisões nos servem à mesa, de uma forma agressiva, tudo o que de pior vai acontecendo no nosso tempo, através de um rol de desgraças anunciadas e transmitidas, repetidamente até à exaustão, em dias e dias sucessivos. E os jornais chamam às primeiras páginas imagens e títulos bombásticos, em nome do direito de informar, vendendo o sensacionalismo, qual receita miraculosa para aumentar as tiragens.

E, em total sintonia, todos afirmam que o Povo está deprimido, sem confiança e descrente no futuro.

É caso para perguntar, para que cada um que nos está a escutar, tente encontrar a resposta:

- *Então, nos nossos dias, o “Bem” não existe?*
- *Não existem factos positivamente relevantes para serem noticiados?*
- *Terá Deus abandonado as suas criaturas?*

De facto, a causa desta nossa depressão colectiva é fruto de muitos factores, e culturalmente influenciada por quem tem responsabilidades em formar/informar a opinião pública.

É claro que as causas não estão só nalguma comunicação social, mas atendendo ao seu peso nesta matéria não poderia deixar de a referenciar.

Muitas vezes critiquei a forma de fazer jornalismo em Portugal e até referi, bastantes vezes, a falta de critérios, de ética e de deontologia no exercício de tão nobre e honrosa profissão. E sempre o fiz no pressuposto de que o mau jornalismo atingia em primeiro lugar, os verdadeiros jornalistas e todos aqueles que fazem da informação uma forma de exercer a cidadania, isto é, de se colocarem ao serviço dos outros.

**P. E, em seu entender, esta situação pode ser alterada?**

**R.** Pode e é imperativo que aconteça. Respondo-lhe com algumas perguntas para serem respondidas por quem de direito:

*- Porque não se revê o estatuto editorial de muitas das nossas publicações, escritas e do audiovisual?*

*- Porque não se revêem, alterando, os critérios de subjectividade de muitas notícias?*

*- Porque não se torna mais operativa a entidade reguladora do sector, quando não se consegue uma eficaz auto-regulação?*

Para mim, o **direito** de *informar* deve estar correlacionado com o **dever** de *bem informar*:

- Pela diversidade da informação;
- Fazendo pedagogia ao divulgar os acontecimentos menos positivos da sociedade, com o claro objectivo de melhorar comportamentos individuais e sociais e, dessa forma, se promover a auto-estima da nossa população;
- E ainda, divulgando as inúmeras “boas práticas” que vão acontecendo quotidianamente.

**P.** *Em matéria informativa e de divulgação da sua acção, a Cáritas Diocesana tem a sua página na Internet. Isso, de algum modo, reflecte a necessidade de divulgar as “boas práticas” que refere?*

**R.** É verdade. Aliás já aqui referimos no segundo programa desta nova série, que a Cáritas em Portugal tem um sítio na NET [www.caritas.pt](http://www.caritas.pt). Nessa página existem ligações às diversas Cáritas Diocesana e, relativamente à Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco, podemos consultar diversas informações, entre as quais os programas que aqui fazemos na Rádio Portalegre, sob o título: *“A Cáritas na Rádio”*. É nossa intenção alimentar esta página também com a divulgação das actividades desenvolvidas e a desenvolver pelas diversas Cáritas Paroquiais, sobretudo com a partilha das “boas práticas” que, em cada comunidade, vão sendo desenvolvidas.

**P.** *A Igreja diocesana tem vários órgãos de comunicação. Não serão eles também uma forma de difusão das actividades desenvolvidas e um veículo de divulgação da informação?*

**R.** A generalidade dos jornais diocesanos tem carácter paroquial e destinam-se à divulgação das actividades paroquiais e regionais, informando também sobre as actividades mais relevantes a nível diocesano. Eles cumprem um papel fundamental na ligação entre os cristãos, e são mensageiros do pensamento da Igreja em relação ao que se passa no mundo. Em muitos casos, eles são a demonstração de que o pluralismo das ideias, quando formatado pelos valores do Evangelho, dignifica a vida das sociedades.

**P.** *Contudo, é comum ouvirem-se algumas críticas relativamente à fragilidade da qualidade informativa de alguns. Tem conhecimento dessas críticas?*

**R.** Sim, tenho ouvido diversos comentários nesse sentido.

Como sabe, não é fácil dirigir um jornal com as características dos jornais paroquiais ou mesmo diocesanos, quando as tiragens são baixas, não se disponibilizam colaboradores, e não existe muita formação jornalística entre os que colaboram na feitura do jornal. Reconheço que, por vezes, alguns deles são um fracasso editorial. É que não bastam as boas vontades, ou aguardar que as notícias lhes cheguem. É necessário ir ao encontro da notícia e, como jornais regionais, ir ao encontro das notícias que tenham a ver com os seus leitores e as suas regiões. Transcrever notícias de outros jornais nacionais, como forma de preencher páginas, não é solução, antes pelo contrário. Também os editoriais deviam ser escritos pelo seu director e não ser encomendados a terceiros. Deviam ser a “pedra de toque” da edição e a salvaguarda do respeito pelo estatuto redactorial.

**P.** *O que acaba de referir aplica-se a todos os jornais da diocese?*

**R.** De forma alguma. Creio que fica claro que isto não se aplica à maioria dos jornais regionais de inspiração cristã. Mas, em relação a alguns, é notório.

Gostaria de deixar expresso que, tudo o que refiro reflecte a minha opinião e não vincula a Cáritas Diocesana. Não direi que se trata de um “desabafo” da minha parte ou de uma crítica mas, sobretudo, é uma forma de partilhar a minha reflexão sobre um dos problemas que contribuem para o mau estar social e a convivência salutar entre todos os homens.

**P.** *Voltando ao que foi dito no início desta conversa, as mudanças que estão a ser operadas na sociedade contemporânea passam também por critérios de comunicação entre as pessoas. Contudo, eles não são, como disse, o único problema.*

*Sem referir outros, se assim o entender, qual foi o seu objectivo ao trazê-lo hoje para esta nossa conversa?*

**R.** Como referi, os problemas são vários e creio que muitos deles, alguns com um peso muito superior a este que hoje afluímos, já foram referidos em programas anteriores. A minha grande preocupação ao trazê-lo à colação tem como objectivo relançar o sentido da esperança que parece faltar a uma boa parte dos nossos concidadãos, como já referi variadíssimas vezes.

Sei que não é fácil, pois para isso, talvez fosse necessário reaprendermos a viver uns com os outros, ao invés do que acontece, de vivermos uns contra os outros ou, o que ainda é pior, de vivermos alheados dos outros.

Em meu entender, para que a forma de vida de uma sociedade possa ser bem sucedida, tem que ser encontrado o equilíbrio entre:

- Por um lado, encorajar o desenvolvimento de laços de coesão entre alguns membros dessa sociedade;
- E, por outro, evitar que, grupos muito coesos desistam da sua integração no conjunto social.

Os indivíduos – as pessoas – terão ocasionalmente de ser chamados a actuar em conjunto, para bem da sociedade global, e isso só é possível se todos nós adquirirmos uma consciência ética e cívica nas relações pessoais, sociais e institucionais.

Eu acredito no homem, na sua capacidade de olhar o “outro” como seu semelhante e na sua sabedoria em aceitar as mutações da sociedade sem descaracterizar as suas raízes culturais, ecológicas e sociais.

A comunicação social, as instituições públicas e privadas, os governos das nações e cada um de nós individualmente, temos um papel reservado e determinante para inverter a tendência actual de descaracterização das relações humanas, de contribuirmos para a inclusão dos que vivem marginalizados e, melhorarmos a qualidade de vida das pessoas nas nossas comunidades.

Sei que, para isso, é preciso compreender os problemas humanos, sem os lamentar ou condenar, mas darmos um contributo para propiciar a solução de muitos dos problemas existentes.

A este propósito, **Espinosa**, filósofo holandês do séc. XVII, filho de pais portugueses que, entre outras matérias, adquiriu grandes conhecimentos sobre a história das religiões e, depois de perseguido por causa das suas ideias, refugiou-se nos arredores de Haia dedicando-se à meditação, dizia o seguinte:

*“Sempre que estudo os problemas humanos  
tenho procurado cuidadosamente  
não escarnecer, lamentar, ou condenar,  
mas apenas compreender.”*

Sei que não temos muito mais tempo, mas gostaria de sublinhar este aspecto:

Como cristão e, como membro da Cáritas Diocesana, não podia deixar de manifestar a minha preocupação pelos atropelos que se cometem diariamente na relação entre as pessoas. Sinto a urgência e a necessidade de

se darem passos determinantes no respeito pela vida e no respeito para com todos, independentemente da condição de cada um, a começar em nós próprios, passando pelas Organizações e Instituições e também pelo Estado, com o contributo de uma comunicação social isenta, em termos de divulgação da informação.

**P.** *O nosso tempo expirou, por isso temos de terminar aqui. Agradeço-lhe mais esta comunicação e faço votos para que a capacidade que o homem tem em se adaptar a novas situações possibilite uma maior atenção aos outros para que, através da evolução do conhecimento não descure aqueles que têm mais dificuldade no acesso à informação e à integração social. Muito boa tarde.*

Portalegre, 6 de Junho de 2007

Elicídio Bilé